

JANELAS DA CULTURA LOCAL: abrindo oportunidades de inclusão digital

Isa Maria Freire*
Bruno Macedo Nathansohn**
Carmelita do Espírito Santo***
Gustavo Henrique de Araujo Freire****
Patricia Mallmann Souto Pereira*****
Ricardo Siqueira Neves*****
Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo*

RESUMO

Apresenta os resultados da pesquisa Janelas da Cultura Local, desenvolvida no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), que teve como objetivo promover, de forma participativa, ações de informação no sentido da inclusão digital dos professores da Escola Municipal Maria Ilka, no Bairro de Santa Catarina, em Quissamã, RJ. As premissas do projeto — a informação como força de transformação, a responsabilidade social da Ciência da Informação e a sua relação intrínseca com a tecnologia da informação — se expressam no desenvolvimento de ações de informação reunindo atividades educativas e elementos da cultura local para produção de um instrumento de comunicação digital da informação, contribuindo para dotar os participantes de elementos de mediação entre a cultura local e a cultura global.

Palavras-chave: Inclusão digital. Identidade cultural. Gestão da Informação. Responsabilidade social. Ciência da Informação.

1 INTRODUÇÃO

O presente relato foi produzido como resultado intelectual do Projeto Janelas da Cultura Local: Quissamã, RJ, desenvolvido no Departamento de Ensino e Pesquisa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Sua finalidade é compartilhar as ações e reflexões desenvolvidas, no âmbito da abordagem teórica e metodológica aplicada ao projeto.

* Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal da Paraíba. isa@dcf.ccsa.ufpb.br

** Mestre em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. brunon@ibict.br

*** Mestre em Ciência da Informação. Embrapa. carmem@cnpab.embrapa.br

**** Doutor em Ciência da Informação. Universidade Federal da Paraíba. ghafreire@gmail.com

***** Mestre em Ciência da Informação. patriciamall@yahoo.com.br

***** Especialista em Gestão da Informação. neves-ricardo@uol.com.br

* ***** Doutora em Comunicação e Cultra. yma@ajato.com.br

Na pesquisa, utilizamos o modelo de *rede conceitual* (WERSIG, 1993; FREIRE, 2001), considerando os aspectos funcionais dos novos produtos de informação nos espaços globais (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1997, 2004). Esses conceitos se concretizaram no desenvolvimento de um instrumento para registro e divulgação da cultura local, com a participação de professores, dirigentes e alunos da Escola Maria Ilka, no bairro de Santa Catarina, em Quissamã, RJ. O eixo motivacional do grupo de pesquisadores-participantes da Escola, professores e dirigentes, foi a realização do Festival da Cultura Local, em 2007 e 2008, quando os alunos apresentaram os resultados da Gincana da Cultura Local.

Aprendemos a aprender, e descobrimos o valor das parcerias: com a Secretaria de Educação do Município de Quissamã, RJ, com o Departamento de Ensino e Pesquisa do IBICT, com os pesquisadores-autores da pesquisa. Essa parceria propiciou a realização do Festival da Cultura Local, em 2008, quando foram apresentados os resultados da nova Gincana da Cultura Local, novamente organizada por professores, dirigentes e alunos da Escola Maria Ilka.

Enfim, narramos, aqui, como abrimos a janela da cultura local na Escola Maria Ilka, no bairro de Santa Catarina, em Quissamã, RJ. Esperamos que outras janelas possam ser abertas, a partir desta experiência.

2 RESUMO DA ABORDAGEM

2.1 Identidade cultural na sociedade da informação

Na sociedade contemporânea, a comunicação mediada por computadores interligados em rede gera uma grande diversidade de comunidades virtuais, caracterizando a metáfora da “aldeia global”, conforme verificado em Ianni: “Províncias, regiões e nações, bem como culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação e comunicação” (IANNI, 1997, p.228). Neste espaço social contemporâneo, é que ocorre a difusão de padrões culturais globais que acarretam em alienação dos valores e das culturas locais.

Analisando os fatores que podem caracterizar uma crise das identidades no processo de globalização, Hall (1998) sugere que esta pode ser consoante com as concepções de identidade cultural formuladas em torno do papel que o sujeito social adquiriu nas transformações históricas recentes da humanidade. Por um lado, na concepção iluminista o indivíduo era dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, sendo o centro essencial do “eu”, a identidade de uma pessoa. Por outro lado, na concepção sociológica, a identidade do sujeito se forma através da relação deste com outras pessoas, da interação de

valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito. A identidade, nesta concepção, preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público.

Ocorre que na globalização esta idéia de identidade unificada e estável está sendo fragmentada, apresentando-se não mais como uma única identidade, mas como uma composição de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Para Ortiz (1985), as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e asseguravam as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso diante de grandes mudanças estruturais e institucionais. Pois mais do que um processo de transformação social e cultural, a globalização representa a materialização de um paradigma que toma corpo a partir do momento em que um novo insumo assume papel de “fator-chave” no desenvolvimento das forças produtivas: a informação.

[...] na emergência de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno das tecnologias de informação, mais flexíveis e poderosas, a informação, embora tenha sempre desempenhado papel crucial para a economia, torna-se, agora, o próprio produto do processo produtivo. (CASTELLS, 1999, p.89)

Ao construir, de forma participativa, um instrumento de comunicação da informação na área de saúde, Freire (1998) observa que:

É no espaço social, político e econômico que ocorre o fenômeno da produção e circulação da informação [...] através de um processo de comunicação social que engloba uma fonte geradora de informação (um emissor), os canais de transmissão do “texto e sua estrutura” e (um receptor) usuário da informação. (FREIRE, 1998, p.103)

Configura-se, portanto, um “espaço de informação” que, como ressalta González de Gómez (1999), antes de designar espaços físicos remete a esferas relacionais e simbólicas de sociabilidade, de comunicação e de saber. Nesses espaços, “as informações obtêm valor testemunhal ao serem agregadas e organizadas especialmente, [sendo,] ao mesmo tempo, nós das redes que entrelaçam os mais diversos fluxos de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p.71). Abordando a questão da informação na sociedade globalizada, a autora destaca a necessidade de situar os acontecimentos e processos (culturais, organizacionais, produtivos, políticos) em diferentes planos de integração, uma vez que a complexidade dos elos [*links*] entrelaçam o local e os mundos externos em todas as suas manifestações. Em decorrência, as ações dos atores sociais que trabalham com a informação devem atuar de modo a promover os fluxos de informação em todos esses diferentes planos. Isto significa não somente promover o

acesso a redes de informação globais para atores locais, mas também estabelecer conexões entre os espaços locais e globais, com dois tipos de procedimentos:

- *extrativo*, de modo que os atores locais se apropriem das informações disponíveis na rede;
- *produtivo*, para que os atores locais confirmem sua presença argumentativa, econômica e política nos espaços das redes globais (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1997).

Para Albagli (1999), a relevância da cultura local na globalização está no seu papel de integração das especificidades:

[...] a partir do potencial integrativo do novo padrão tecnológico, o local redefine-se, ganhando em densidade comunicacional, informacional e técnica no âmbito das redes informacionais que se estabelecem em escala planetária. [Pois] a dimensão cultural do local atua na globalidade como um fio invisível que vincula os indivíduos ao espaço, marcando uma certa idéia de diferença ou de distinção entre comunidades. (ALBAGLI, 1999, p.186-87).

Assim, o local constitui-se em suporte e condição para as relações globais. Podemos dizer que é nesse sentido que as culturas nacionais atuam como fontes principais de identidade cultural, pois a cultura nacional contribui para “unir” as diferenças numa única identidade. Assim, embora as formas da identidade cultural não estejam impressas em nossos genes, pensamos nelas como se fizessem parte da nossa natureza essencial. E sendo a cultura nacional uma das principais fontes da identidade cultural, falar sobre esta implica em, antes, falar sobre aquela: “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 1998, p.49).

2.2 A função cultural das tecnologias digitais

Trabalhando com informação na perspectiva da cultura, Marteleto (1995, p.90) entende que cultura e informação “são conceitos fenômenos interligados pela sua própria natureza”: a cultura funcionaria como uma memória que conserva e reproduz artefatos simbólicos e materiais de geração em geração. Nesse sentido, torna-se a depositária da informação social “o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias do ser, representar e estar em sociedade” (MARTELETO, 1995, p.91). Dessa forma, a socialização da cultura (linguagem, estética, visão de mundo, valores, costumes) assume papel relevante para a democratização do acesso e uso da informação. Numa leitura antropológica da informação, seu processo de

construção como objeto de estudo só se complementa quando se levam em conta, concretamente, as estruturas materiais e simbólicas de um dado universo cultural e as relações práticas e representações dos sujeitos, cada vez mais mediadas por um modelo informacional.

É assim que, na sociedade contemporânea, a proximidade entre os processos culturais e produtivos transformam as tecnologias da informação e da comunicação em “feixes de propriedades ativas” (ASSMANN, 2000, p.6). E se antes as tecnologias “serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos” agora “ampliam o potencial cognitivo do ser humano [...] e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas” (ASSMANN, 2000, p.6). Neste contexto, termos como “usuário” não expressariam essa relação cooperativa adequadamente, uma vez que o papel das tecnologias de informação e comunicação

[...] não se limita à simples configuração e formatação, ou, se quiserem, ao enquadramento de conjuntos complexos de informação. [...] as novas tecnologias têm um papel ativo e coestruturante das formas do aprender e do conhecer. Há nisso [...] uma incrível multiplicação de chances cognitivas, que convém não desperdiçar, mas aproveitar ao máximo. (ASSMANN, 2000, p.11)

Nesse sentido, poderíamos estar vivendo “um desses momentos extremamente raros em que uma civilização inventa a si própria, deliberadamente” (LEVY, 2000, p.60) e nele “escolhas políticas e culturais fundamentais abrem-se diante dos governos, dos grandes atores econômicos, dos cidadãos. Não se trata apenas de raciocinar em termos de impacto [...] mas também em termos de projeto (LEVY, 2000, p.13). Para o autor esse projeto seria o da construção de uma “inteligência coletiva”, representando a oportunidade para o exercício de um novo humanismo que ampliaria o ‘conhece-te a ti mesmo’ socrático para um ‘aprendamos a nos conhecer para pensarmos juntos’, generalizando o ‘penso, logo existo’ de Descartes em um ‘existimos eminentemente como comunidade’, o qual, por sua vez, reflete a visão cosmopolítica de Kant.

O problema da inteligência coletiva, nesse contexto, seria inventar uma linguagem ‘para além da escrita’, ou um processo de comunicação ‘para além da própria linguagem’, de tal modo que o tratamento da informação pudesse ‘ser distribuído e coordenado’ por toda parte. Na sociedade contemporânea, que conjuga o futuro no presente, isto se tornaria inadiável [na medida em que] o saber tornou-se a nova infraestrutura. (FREIRE, 2005, p.135)

A inteligência coletiva representaria a possibilidade de uma sociedade humana mundialmente conectada em rede e fundada no “reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas” (LEVY, 2000, p.27). Em um coletivo inteligente, a comunidade assumiria como objetivo a “negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de

cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretação de sua memória” (LEVY, 2000, p.31). Desse modo, o projeto da inteligência coletiva coloca-se como um “processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades” (LEVY, 2000, p.31), facilitado pela circulação da informação na “rede das redes”.

Nessa perspectiva, temendo que a Internet seja privilégio de uma elite, Levy destaca a necessidade e urgência de democratizar o acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação, para “dar a uma coletividade o meio de proferir um discurso plural, sem passar por representantes” (LEVY, 2000, p.65). Suas previsões são de que a capacidade para navegar no ciberespaço será adquirida em tempo menor do que “o necessário para aprender a ler e, como a alfabetização, será associada a muitos outros benefícios sociais, econômicos e culturais além do acesso à cidadania. [...] A democracia em tempo real visa a constituição do ‘nós’ mais rico” (LEVY, 2000, p.63 e 67). A propósito do sujeito coletivo (‘Nós’), observemos o que diz Goldmann:

Quase nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado. O sujeito da ação é um grupo, um ‘Nós’, mesmo se a estrutura atual da sociedade, pelo fenômeno da reificação, [...] encobrir esse ‘Nós’ [...]. Há entre os homens uma outra relação possível além da relação de sujeito e objeto ou da de Eu e Tu: é uma relação de comunidade que chamaremos o ‘Nós’, expressão de uma ação comum sobre um objeto físico ou social” (GOLDMANN, 1979, p.18-19).

Desse modo, podemos dizer que na medida em que a informação adquire relevância para a produção social, cresce a responsabilidade social do campo científico dedicado ao seu estudo, organização e transferência (FREIRE, 2001). É nesse sentido que propomos, no presente projeto de pesquisa, a realização de uma ação de informação fundamentada nas potencialidades das novas tecnologias de processamento e comunicação da informação, que para González de Gómez (2004) podem ser vistas “tanto [como] condição quanto [como um] campo de experimentação de novas práticas de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p.57).

Este é o quadro de trabalho no qual desenhamos e desenvolvemos nossa pesquisa. Nessa perspectiva, é possível compreender porque “as políticas públicas podem fazer a diferença”, favorecendo o crescimento de uma sociedade da informação onde todos tenham “acesso a uma quota parte mínima dos novos serviços e aplicações das tecnologias digitais de informação e comunicação” (ASSMANN, 2000, p.15). Por isso mesmo, a democratização do acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação é vista, aqui, como elemento fundamental nas políticas de inclusão social, de modo a ajudar as populações

economicamente carentes a se beneficiarem das vantagens do progresso tecnológico, reforçando o caráter democrático da sociedade da informação.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

3.1 O campo de atuação

Quissamã é um pequeno município localizado na região norte do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com dados do IBGE Cidades, a população é de 17.376 habitantes, a área é de 716 km² e está a 19 metros acima do nível do mar. O seu clima é quente e úmido, com chuvas no verão e seca no inverno, onde predominam os ventos nordeste e sudoeste.

A história de Quissamã começa em meados do século XVII, quando as terras compreendidas entre o rio Macaé e o cabo de São Tomé foram doados por Martim de Sá aos chamados "Sete Capitães", interessados na criação do gado. As terras foram doadas como pagamento por serviços prestados à Coroa portuguesa. Isso ocorreu em 1627. A primeira viagem de exploração às novas terras foi feita em 1632, ocasião em que surgiram os primeiros logradouros da região. Vem dessa época também a origem do nome do município. Segundo Matoso (S.d, p. 8), o nome Quissamã surgiu de um encontro inusitado entre os sete capitães e um negro durante a ocasião da viagem de exploração das terras:

Ao chegarem à Aldeia Nova, foram recepcionados por um grupo de índios, encontrando-se entre eles um negro. Ficaram perplexos ao verem aquele negro "em lugares indultos e sem moradores". Ao indagarem quem era ele e como viera parar ali, respondeu-lhes que era forro; ao perguntarem se era crioulo da terra, respondeu-lhe simplesmente que era da Nação de Quissama, na África [...].

Entretanto, a explicação para o significado da palavra só foi dada na década de noventa pelo então cônsul de Angola, Senhor Ismael Diogo da Silva, durante uma visita ao município em 1994. Segundo o cônsul, a origem da palavra é angolana, pois Quissamã é uma cidade que fica a 80 km de Luanda, na foz do Rio Kwanza, origem principal dos negros que eram vendidos ou negociados no Brasil. A palavra significa “fruto da terra que está entre o rio e o mar” (Matoso, s.d., p.8).

A pecuária, primeira base econômica, cedeu lugar a monocultura açucareira na metade do século XVIII. A partir daí o futuro município teve um grande desenvolvimento, que foi quebrado com a estagnação econômica gerada pelo endividamento das fazendas da região durante a crise de 1929. Nesta ocasião a produção açucareira foi monopolizada pelo Engenho Central de Quissamã, primeiro engenho construído na América Latina em 1877. A partir da criação do programa Proálcool e da descoberta do petróleo na Bacia de Campos, o município obteve um crescimento acelerado. Este crescimento culminou no seu desmembramento do

município de Macaé, do qual fazia parte como quarto distrito. A emancipação ocorreu em 12 de junho de 1988. A criação do município de Quissamã foi oficializada em 4 de junho de 1989.

A formação social de Quissamã pode ser compreendida através das várias transformações políticas econômicas e sociais desencadeadas pela implementação do setor açucareiro e da era dos engenhos centrais de cana-de-açúcar:

[...] a sociedade que se desenvolveu em torno desse empreendimento agrícola possuía características típicas da tradicional sociedade rural: de um lado, os senhores de engenho, de outro, os escravos. Entre os dois extremos havia um número elevado de pequenos proprietários e moradores da Freguesia de Quissamã, o núcleo urbano da cidade. (MATOSO, s.d., p.18)

A relevância política e social de Quissamã pode ser compreendida em relação à sociedade escravista, base do seu núcleo histórico e cultural. A partir de sua emancipação, ocorrida em 1988, o município vem sendo apontado como a economia mais promissora do Estado do Rio de Janeiro. Através dos recursos financeiros gerados pelos *royalties* oriundos da exploração do petróleo na região, a prefeitura municipal vem desenvolvendo diversos programas de melhorias públicas no município. Um desses programas é o de inclusão digital, mantido pela Prefeitura Municipal de Quissamã, que consiste na implantação de telecentros comunitários (denominados Quissanets). O projeto Quissanet é decisivo para a universalização do acesso à internet na cidade de Quissamã, pois atende às pessoas que não possuem um computador na residência, sendo que as demais são atendidas no próprio domicílio.

A política de inclusão digital de Quissamã resultou em avanços para a cidade. Os postos de saúde e as escolas do município também passaram a ter acesso à internet, assim como o hospital e os centros de especialidades, proporcionando a possibilidade de informatizarem processos e atuarem de forma mais integrada. Em 2005 havia apenas um *website* sobre a cidade, que era o da prefeitura; atualmente existe mais de uma dezena, incluindo *sites* de empresas, comércios, notícias e dicas; além de comunidade sobre a cidade em *sites* de relacionamento, como o Orkut, onde há entre 2 e 3 mil pessoas do município registradas (PEREIRA, 2009). Entretanto, em que pese a disponibilidade de infra-estrutura para acesso à internet, nem todas as unidades da rede pública de ensino estão conectadas e a Secretaria Municipal de Educação ainda não dispõe de um programa de treinamento e uso das tecnologias digitais para os professores. Nesse sentido, o projeto Janelas da cultura local representou uma oportunidade de inclusão digital para os professores, mediante a reunião das tecnologias educativas às tecnologias da informação.

3.2 Os procedimentos

A escolha da pesquisa-ação traduz uma abordagem da comunicação da informação como ação transformadora, no sentido que lhe atribui Araújo (1994), criando espaço para intervenção empírica em uma dada situação. A pesquisa-ação supõe uma participação e uma forma de ação planejada que atinja os vários elementos das atividades humanas, estando diretamente relacionada à presente proposta, na medida em que viabiliza a ação coletiva pautada pela resolução de problemas e por objetivos de transformação.

Na América Latina a pesquisa-ação também foi formulada em termos de “pesquisa participante”, sendo utilizada como instrumento no contexto das populações carentes, “com seus problemas educacionais, culturais ou de consciência política” (THIOLLENT, 1997, p.21), e no Brasil tem sido pensada e aplicada no contexto das organizações e instituições. Mas, se toda pesquisa-ação possui um caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e sujeitos representativos da situação investigada, o que diferencia a pesquisa-ação da pesquisa participante?

Segundo Thiollent (1997), a pesquisa-ação “consiste essencialmente em acoplar pesquisa e ação em um processo no qual os atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos” (THIOLLENT, 1997, p.15). Nessa perspectiva, entende-se por “ator” qualquer grupo de pessoas dispostas de certa capacidade de ação coletiva consciente em um contexto social delimitado, podendo designar tanto os grupos informantes no meio de uma organização quanto os grupos formalmente constituídos, e “participação” é encarada como propriedade emergente do processo e não como a priori. A metodologia requer clara definição de objetivos em termos de pesquisa e de ação, e o processo não existe de forma totalmente padronizada, pois dependendo da situação social ou do quadro organizacional em que se aplicam os procedimentos a ordenação das etapas, no decorrer da pesquisa, pode variar.

Buscando uma visão sintética, Dubost (1987) examinou várias concepções de pesquisa-ação vinculadas a tradições norte-americanas e européias, formulando sua própria definição como “ação deliberada visando a uma mudança no mundo real, realizada em escala restrita, inserida em um projeto mais geral e submetida a certas disciplinas para obter efeitos de conhecimento e de sentido”. (DUBOST, 1987 citado por THIOLLENT, 1997, p.35). No presente projeto integramos à abordagem de Dubost a visão cooperativa de Desroche (1990), que define a pesquisa-ação como uma pesquisa

[...] na qual os autores de pesquisa e os atores sociais se encontram reciprocamente implicados: os atores na pesquisa e os autores na ação. No limite, esses dois papéis tendem a identificar-se em uma só instância de operação. [...] na pesquisa-ação os atores deixam de ser simplesmente objeto de observação, de explicação ou de interpretação. Eles tornam-se sujeitos e parte integrante da pesquisa, de sua concepção, de seu desenrolar, de sua redação e de seu acompanhamento. (DESROCHE, 1990 citado por THIOLENT, 1997, p.36)¹

Tema central da metodologia de pesquisa-ação, a articulação entre pesquisa e ação é concebida por Desroche de modo diferenciado e em função de uma tipologia das formas de participação. Dessa forma, como pesquisa inserida na ação, a pesquisa-ação comportaria três aspectos simultâneos:

- a. “Pesquisa SOBRE os atores sociais, suas ações, transações, interações”; seu objetivo é a explicação;
- b. “Pesquisa PARA dotar de uma prática racional as práticas espontâneas”; seu objetivo é a aplicação;
- c. “Pesquisa POR, ou melhor, PELA ação, isto é, assumida por seus próprios atores (autodiagnóstico e autoprognoóstico) tanto em suas concepções como em sua execução e seus acompanhamentos”; seu objetivo é a implicação (DESROCHE, 1990 citado por THIOLENT, 1997, p.37).

Para Thiollent (1997), a simultaneidade desses três aspectos impede que a pesquisa-ação seja confundida com a “observação participante” que se limita a uma pesquisa SOBRE. Ele lembra que o uso do termo *explicação* deve incluir o conceito de *compreensão*, associado às metodologias qualitativas ou interpretativas. Por sua vez, *aplicação* se relaciona à idéia de transpor conhecimentos gerais de uma teoria para um contexto concreto, pois nem sempre uma teoria dá conta dos problemas da situação em estudo e que melhor pensar a pesquisa como relação entre teoria e prática.² No que diz respeito à *implicação*, ele distingue duas características principais: a efetividade, ou *reciprocidade*, do relacionamento entre pesquisadores e atores, e a clareza dos posicionamentos de cada parte envolvida na pesquisa no plano ético.

No projeto propomos a construção participativa de um instrumento de comunicação da informação com alto grau de interatividade, no caso uma *janela virtual sobre a cultura local*,

¹ Desroche denomina os “pesquisadores” com a expressão autores da pesquisa, diferenciados dos “atores” pelo trabalho de redação com uso da escrita. Na pesquisa, consideramos como “pesquisadores-autores” os responsáveis pela pesquisa em si (quadro teórico, instrumentos metodológicos, resultados acadêmicos) e como “pesquisadores-participantes” ao pessoal técnico, professores e dirigentes da Escola Maria Ilka, dirigentes da SEMED e pessoas da comunidade diretamente envolvidas nas ações do projeto.

² Entendemos a “pesquisa aplicada” de Thiollent como a “pesquisa prática” de Demo (2000), ou seja, aquela ligada à prática de usar o conhecimento científico para fins explícitos de intervenção numa dada situação. Como no “conhecimento em ação” de Wersig (1993).

que representa o eixo motivacional e operatório da pesquisa. Para construção desse hipertexto digital com a participação dos professores da Escola Maria Ilka, em Quissamã, usamos a metodologia da pesquisa-participante, utilizada por Freire (1998) e Espírito Santo (2003) em suas respectivas dissertações de Mestrado em Ciência da Informação.³

O processo de pesquisa envolveu contato permanente entre os participantes da pesquisa, sendo que o primeiro momento foi o dedicado ao conhecimento preliminar da realidade, de modo a identificar o que Goldmann (1970) denomina “informação prévia”. Desta ação, resultou a formação de um grupo de participantes que, no segundo momento, identificou na comunidade os “temas geradores” do conteúdo do hipertexto. Os temas levantados e sua pertinência foram discutidos pelo grupo, e assim, o processo trabalhou, ao mesmo tempo, a “consciência real” e a “consciência máxima possível” dos participantes da pesquisa.

A ação de informação em Quissamã mostrou que o tema da identidade cultural se coloca como possibilidade de inclusão digital, através do treinamento nas tecnologias intelectuais⁴ para produção de conteúdos digitais que representem os valores, tradições e saberes da cultura local.

4 Abrindo a janela da cultura local

4.1 Resumo das atividades no campo da pesquisa

Em **2005**, discutimos os conceitos-chave da pesquisa, produzimos textos que constituem nosso marco teórico, organizamos o Grupo de Pesquisa Informação e Inclusão Social (certificado pelo IBICT) e realizamos as articulações com a Secretaria Municipal de Educação de Quissamã para apoio à pesquisa de campo.

Em **2006**, as atividades no campo propriamente ditas foram iniciadas e a equipe acadêmica do projeto realizou 6 viagens de pesquisa a Quissamã, objetivando o planejamento e a concretização de diversas ações, a saber:

- em janeiro, para planejamento das atividades do projeto com a SEMED;

³ Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO.

⁴ Seguindo o modelo de Lèvy, consideramos como “tecnologias intelectuais tanto as formas de expressão simbólica (que, p.ex., evoluíram das narrativas míticas às equações quânticas) quanto as tecnologias de informação em si mesmas (p.ex., a escrita em tabuinhas de barro, as iluminuras medievais, a imprensa e os computadores)”. Essas tecnologias intelectuais “situam-se **fora** dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre minha mesa ou este livro em suas mãos. Mas elas também estão **entre** os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana. (...) As tecnologias intelectuais estão ainda **nos** sujeitos, através da imaginação e da aprendizagem” (LEVY, 1994, p.47. Negrito nosso). Neste contexto se inserem as tecnologias de organização, processamento, comunicação, busca e recuperação de informações relevantes para um dado grupo de usuários na sociedade, que por sua vez podem vir a produzir seus próprios estoques de informação.

- em julho, para o seminário de pesquisa que marcou o início do trabalho de campo; foi elaborado um folder para divulgação do projeto na Escola;
- em agosto, para a apresentação do projeto a dirigentes locais e professores da rede de ensino pública;
- em setembro, para reconhecimento do campo empírico da pesquisa e planejamento das atividades da III Semana Nacional de C&T do MCT, quando 39 alunos e 5 professores da Escola Maria Ilka estiveram no Rio de Janeiro, participando do evento *De portas abertas*, promovido pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas em parceria com o IBICT;
- em outubro, para um seminário de pesquisa com os professores da Escola Maria Ilka, marcando o início das atividades do grupo local;
- em novembro, para seminário de pesquisa com o grupo de professores que participam do projeto.

Em **2007** foram realizadas oito viagens ao campo da pesquisa, a saber:

- em fevereiro, para planejar as atividades do projeto neste ano, com a Secretaria Municipal de Educação e os participantes da pesquisa na Escola Maria Ilka;
- em março foram duas viagens, sendo a primeira para participação em atividade comunitária promovida pela Escola Maria Ilka, no âmbito do projeto pedagógico do município de Quissamã e a segunda para planejamento das atividades de pesquisa, em consonância com o Projeto Político Pedagógico;
- em maio, para apresentação dos sub-projetos a serem realizados pelos participantes locais e definição das respectivas equipes, bem como para realizar oficina de competência em informação para os professores:
- em junho, para
 - (i) apresentação, pelas equipes, dos resultados da visita de professores e alunos à Fazenda Machadinha (primeira atividade organizada e realizada pelos participantes locais);
 - (ii) apresentação de sites de escolas no Brasil e discussão do site da Escola;
 - (iii) planejamento do Festival da Cultura Local (agendado para agosto, e que inclui a realização da Gincana Cultural Local);
 - (iv) planejamento para execução das atividades programadas no segundo semestre pelas respectivas equipes.
- em agosto, para
 - (i) definição, com a equipe Coordenação Local, dos critérios da Gincana da Cultura Local e a programação do Festival da Cultura Local;
 - (ii) realização do Festival da Cultural Local, com a apresentação dos trabalhos das três equipes (com 30 alunos cada uma) que participaram da Gincana da Cultural Local.
- em outubro, para planejar, com a equipe Coordenação Local, a participação na Feira do Livro de Quissamã, que neste ano foi descentralizada, passando a ocorrer em cada escola do município.
- em novembro, para a Feira do Livro da Escola;

- em dezembro, para avaliação e encerramento da pesquisa, garantindo a continuidade das atividades com vistas ao Festival da Cultura Local e apresentação da interface da Janela da Cultura Local da Escola Maria Ilka na web.

Em **2008** foram realizadas seis viagens ao campo da pesquisa, a saber:

- em março, com o objetivo dar início às atividades do projeto no calendário letivo e discutir as realizações e pendências do ano anterior;
- em junho, para planejar as atividades do Festival da Cultura Local;
- em agosto, para distribuir as tarefas e agendar o Festival (a data tornou-se um problema por ser um ano com eleições municipais);
- em setembro, para conhecer e colaborar na elaboração do regulamento da Gincana da Cultura Local feito pelos professores e pela coordenadora local do projeto;
- em setembro, para realização do Festival da Cultura Local e apresentação da Gincana Cultural Local;
- em dezembro, para encerramento das atividades e avaliação do processo.

As atividades resultaram em aprendizado mútuo das pessoas cujas culturas se integram neste trabalho: a global, do Grupo de Pesquisa em Informação e Inclusão Social, e a local, do Grupo de Professores da Escola Municipal Maria Ilka. Ao final, apresentamos a janela da cultura local tal como desenvolvida a partir da produção acadêmica, dos conteúdos sobre a Escola, professores e alunos, e do Festival da Cultura Local.



Figura 1 - Interface da janela da cultura local da Escola Maria Ilka [Webdesigner: Ricardo Neves, 2007]. <http://www.isafreire.pro.br/janelas/index3.htm>

5 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO

A proposta e os procedimentos do projeto Janelas da cultura local podem ser sintetizados nos versos “caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”, de Antonio Machado. São as voltas que a união da pesquisa-participante à pesquisa-ação nos fazem dar, voltas que resultam em aprendizado mútuo das pessoas cujas culturas se integram neste trabalho: a global, do Grupo de Pesquisa em Informação e inclusão social, e a local, do Grupo de Professores da Escola Municipal Maria Ilka.

No final de 2007, o sítio virtual foi disponibilizado para um período de testes na Internet. Desde lá, continuamos com essa experiência de aprendizado mútuo, onde usuários se transformam em produtores da informação, onde exercitamos a responsabilidade social de facilitar a transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam, na sociedade. E, a nosso ver, pensando no futuro do nosso País e no lugar que pode vir a ocupar entre as nações,

nenhum categoria necessita tanto de informação quanto os professores do ensino básico, para que a educação se torne, realmente, a base de uma transformação qualitativa na sociedade.

É nesse quadro de referência teórico e empírico que o projeto Janelas da cultura local: Quissamã, RJ se coloca. Por um lado, como contribuição ao estudo dos processos sociais de produção e comunicação da informação; por outro, como proposição de ações de inclusão de professores e alunos do ensino fundamental na Sociedade da Informação, através da transferência de tecnologias intelectuais e digitais para redes de ensino públicas em municípios brasileiros.

Enfim, encerrando essas breves reflexões, parece-nos que no caso da inclusão digital não há um manual de procedimentos a ser consultado, nem tampouco um mapa do caminho a seguir. O que, certamente representa uma oportunidade histórica para cientistas e profissionais da informação trabalharem no sentido de pensar e desenvolver modos e meios para inclusão digital de populações social e economicamente carentes, *pari passu* com ações pela cidadania e inclusão social.

Esta seria, a nosso ver, a parte que nos cabe na tarefa coletiva de construir uma “sociedade em rede” democrática e justa: transportar, nas *asas da informação*, o conhecimento para todos aqueles que dele necessitem, no processo social (e vital) de transformar sonhos em realidade.

WINDOWS LOCAL CULTURE: opening opportunities to digital inclusion

ABSTRACT

It presents the results of the search windows of the local culture, developed in the Brazilian Institute for Information in Science and Technology with the support of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and Foundation for the Support of Research of the State of Rio de Janeiro (FAPERJ), which aimed to promote, in a participatory manner, shares information through the digital inclusion of the Ilka Maria Hall School's teachers, a district of Santa Catarina, in Quissamã, RJ. The assumptions of the project - information as a leverage of transformation, social responsibility of the Information Science and its intrinsic relationship with information technology - are expressed in the development of information gathering actions, educational activities and elements of local culture to produce a digital communication tool of information, helping to provide the participants with elements of mediation between the local and global culture.

Keywords: Digital Inclusion; Cultural Identity; Information Management; Social Responsibility; Information Science

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S. Globalização e espacialidade. O novo do local. In: **Globalização & Inovação localizada**: experiências de sistemas locais no Mercosul. Brasília: IBICT/MCT, 1999.
- ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DESROCHE, H. **Entreprendre d'apprendre**: d'une autobiographie raisonnée aux projets d'une recherche-action. Paris: Ed. Ouvrières, 1990.
- DUBOST, J. **L'intervention psycho-sociologique**. Paris: PUF, 1987.
- ESPÍRITO SANTO, C. do. **"Quissamã somos nós"**: Pesquisa Participante para Construção de Hipertexto sobre Identidade Cultural. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro: IBICT – UFRJ, 2003.
- FREIRE, G. H.A. Construção participativa de instrumento de política pública para gestão e acesso à informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, 2008.
- FREIRE, I. M. A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d'a inteligência coletiva. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.10, n.2, 2005.
- FREIRE, I.M. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Dout. Ciência da Informação). Rio de Janeiro: IBICT – UFRJ, 2001.
- GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOLDMANN, L. Importância do conceito de consciência possível para a informação. In: COLÓQUIOS FILOSÓFICOS DE ROYAUMONT. **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, v.33, n.1, 2004.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, v.1, n.1, 1999.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. A globalização e os novos espaços da informação. **Informare**, v.3, n.1/2, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998
- IBGE Cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>.

- IANNI, O. **Teorias da globalização**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- MARTELETO, R. M.M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. **Informare**, v.1, n.2, 1995.
- MATOSO, G.Q. **O município de Quissamã: histórico, sócio-econômico, turístico**. Quissamã/RJ: (S.n., s.d.).
- PEREIRA, P. M.S. **Necessidade e uso de informação no contexto da inclusão digital: uma visão da política de inclusão digital de Quissamã/RJ**. 2009. Dissertação (Mest. Ciência da Informação). Niterói: IBICT – UFF, 2009.
- THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10.ed. São Paulo: Cortez Ed., 2000
- THIOLENT, M. **Pesquisa-Ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997
- WERSIG, G.. Information Science: The study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**, v. 29, n° 2, 1993.